

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16860 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 18 - Gênero, Sexualidade e Educação

**DIVERSIDADES QUE NOS (DES)EDUCAM: UM ESTUDO SOBRE A INSERÇÃO E  
RELAÇÕES DAS PESSOAS LGBTQIAPN+ DO MOVIMENTO ESCOTEIRO DA  
REGIÃO SUL**

Rebeca Pizzi Rodrigues - PUC-RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Edla Eggert - PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA

Agência e/ou Instituição Financiadora: Cnpq

**DIVERSIDADES QUE NOS (DES)EDUCAM: UM ESTUDO SOBRE A INSERÇÃO E  
RELAÇÕES DAS PESSOAS LGBTQIAPN+ DO MOVIMENTO ESCOTEIRO DA  
REGIÃO SUL**

**RESUMO**

O Movimento Escoteiro (ME), por meio da Organização Mundial do ME é uma associação mundial centenária, sem fins lucrativos, de educação não-formal, destinada para crianças, adolescentes e jovens, de caráter educativo, cultural, beneficente e filantrópico, atuando no Brasil através da UEB. O objetivo desta dissertação, que está em andamento, é analisar a convivência e as relações de jovens e adultos LGBTQIAPN+ dentro dos grupos escoteiros do Escotismo da Região Sul, com a consciência de que ainda vivemos na heteronormatividade e seus discursos de poder nesse movimento em relação à diversidades por meio dos estudos de questões queer, feministas e nas questões LGBTQIAPN+. Esse estudo visa contribuir na visibilização das experiências formativas da população LGBTQIAPN+ e na reflexão teórico-prática das experiências narradas por participantes da pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Movimento Escoteiro da Região Sul. Escotismo. LGBTQIAPN+. Heteronormatividades. Educação Não-formal.

A Organização Mundial do Movimento Escoteiro é uma ONG, de educação não-formal, possui 115 anos de existência e impacta 54 milhões de pessoas no mundo. Promove o desenvolvimento de jovens, a partir dos seis anos de idade, incentivando-os a serem protagonistas, criando uma fraternidade mundial, sendo um dos maiores movimentos de jovens do mundo. Fundado pelo militar inglês Baden-Powell (BP) em 1907, chegou ao Brasil em 1910, se movimentando anos que passaram desde a sua criação, perdendo parte de suas características militares, para estrutura principal de base educacional não-formal (UEB, 2024).

O escotismo foi criado destinado apenas a homens, e o primeiro livro lançado por BP foi intitulado “Escotismo para Rapazes” (1908). Com a insistência de garotas, incluindo a irmã de BP, querendo fazer parte dessas atividades, foi criado o Movimento Bandeirante (MB), destinado para mulheres. No ano de 1917 foi oficializado o escotismo para meninas/mulheres, sendo uma instituição paralela ao ME (SANTOS, L. S., 2011). Atualmente, tanto o MB como o ME são para homens e mulheres, e compõem o que é o escotismo (VALLORY, 2012).

No Brasil, o processo de Coeducação do ME iniciou por volta dos anos 80 (SUFFERT, 1980). A integração de um ME para ambos os gêneros, não mais segmentado, com a presença das mulheres, como membros juvenis, foi oficializado com o processo de coeducação que ofertou "a possibilidade de uma educação mista para os grupos escoteiros" (SANTOS, FELDENS, p. 416, 2013). Com a efetivação da inclusão das mulheres no ME, abriu-se espaço para “outro” fazer parte, no sentido de outro, aquele oposto ao homem, para qual inicialmente o escotismo fora criado.

O que nos motiva a realizar essa pesquisa para o debate ainda em andamento, é a própria vivência de escoteira. A entrada no ME, e o processo de “saída do armário” como mulher lésbica, reflete a existência queer e o escotismo cruzados. E a partir da atuação em prol das diversidades dentro do Escotismo, é que a academia se faz presente, para desenvolver o estudo sobre as pessoas LGBTQIAPN+ do ME.

Um dos principais marcos para uma manifestação objetiva e institucional de que o escotismo Brasileiro é para todos, incluindo pessoas homossexuais, ocorreu a partir de 2013, diante do posicionamento dos “Boys Scouts of America”, instituição escoteira dos EUA, afirmando que no escotismo praticado lá, adultos voluntários declaradamente homossexuais não eram permitidos, somente jovens homossexuais.

Diante dessa contingência, a UEB realizou um Posicionamento Institucional sobre Homoafetividade (UEB, 2015). Neste posicionamento, afirmou que o ME é aberto a todos e nenhum tipo de preconceito e intolerância eram aceitos. É nesse contexto que propiciou e começou o projeto de visibilidade da Equipe Regional de Diversidades em 2016, e desde então sou responsável pela iniciativa. E em 2019 fui chamada a fazer o processo de criação da Equipe Nacional de Diversidades, me tornando a sua primeira coordenadora.

Ao estudar textos sobre gênero e sexualidade cruzando-os com a prática do ME, podemos afirmar que a heterossexualidade não é vista como diferente, e sim é a norma que passa a ser invisível/natural, não tendo discussões acerca da própria existência como tal, o que faz com que pessoas que não se "encaixam" na norma, hoje em dia intitulados queer, ganhem holofotes e sejam entendidas como erradas, o outro como negativo, o excêntrico (SEFFNER, 2013). Guacira Lopes Louro (2009), junto com outras e outros teóricos, define essa naturalização como heteronormatividade. É um processo resultante do alinhamento entre sexo-gênero-sexualidade relacionado "à produção e à reiteração compulsória da norma

heterossexual" (MEYER, p. 90, 2013), partindo do princípio de isso que é o ser "natural" das coisas, analisa que a categoria de gênero tenta romper com tudo que se refere ao sexo ser determinado como "inato e essencial". E aquilo que transpassa o masculino e feminino, normativos, são colocados em crises quando surgem as transições de gênero e as afirmações de gênero não binárias, que saem do binarismo homem-mulher de existência (PRECIADO, 2022). E junto com Judith Butler (2010) entendemos que no contexto político do gênero feminino, ele vale menos que o masculino, pois tudo aquilo que se afasta do "ser homem" é negativo, menos, incapaz.

Como na escola, o ME é um local de manifestação da diversidade de orientações sexuais, como também o de ser homem e mulher (SEFFNER, 2013), de acordo com os padrões impostos pelo discurso da ordem.

E o ME é um reflexo da sociedade, e como nela as relações políticas e sociais são baseadas em poder, no escotismo não foge a essa regra. Esse poder é disseminado em vários pontos, ele não é algo adquirido, e presente nas relações desiguais e móveis (FOUCAULT, 2020). E assim, tudo que foge a essa regra é diminuído, desvalorizado, reprimido.

E assim, chegou-se à seguinte pergunta a responder com esse trabalho em andamento: "Como é a convivência e as relações de jovens e adultos da comunidade LGBTQIAPN+ junto aos grupos escoteiros no ME da Região Sul?". Tendo como objetivo geral o de analisar o que dizem os jovens e adultos LGBTQIAPN+ de grupos escoteiros do Escotismo da Região Sul, sobre a convivência e relações nos grupos em que fazem parte.

De metodologia, iniciou-se com estudo bibliográfico, e na parte empírica, instrumento de coleta de opinião - questionário online, direcionado a escoteiros, com idade mínima de 18 anos, que fizeram/fazem parte do escotismo da região sul (RS, PR e SC), este que já consta com mais de 250 respostas. A partir da análise do questionário buscar-se-á realizar dois grupos focais, com participantes variados, para compreender a perspectiva deles sobre a sua própria experiência como parte dessa comunidade para aqueles que assim se reconhecem. Além disso, a autoetnografia compõe todo esse processo, uma vez que a minha vivência e atuação dentro do ME se mistura com a pesquisa.

Trazer para academia um tema que me transpassa tem sido meu maior desafio e minha maior motivação. Através dos estudos apoiada em autorias de diversos gêneros e existências, e nas metodologias, encarar essa perspectiva de observação apenas para a minha vivência. Quero conseguir pesquisar, ouvindo os outros e também a mim, perguntando aos jovens e aos adultos do ME, o qual faço parte, e assim entender, como sobrevivemos e existimos nele.

## REFERÊNCIAS

BADEN-POWELL, R. S. S. **Escotismo para rapazes**. Curitiba: UEB, 2006.

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FELDENS, Dinamara. G. SANTOS, Aldenise C. (2017). DE LOBINHA A PIONEIRA: SUBJETIVIDADES DE MULHERES NO MOVIMENTO EDUCACIONAL ESCOTEIRO. **Interfaces Científicas** - Educação, 5(2), 79–90. <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2017v5n2p79-90>

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. SP: Loyola, 1996

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 42 ed. RJ: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade 1: a vontade do saber**. 10 ed. SP: Paz e Terra, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira L.; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

PRECIADO, Paul B.. **Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas**. 1 ed. RJ: Zahar, 2022.

SANTOS, Aldenise Cordeiro; LESSA, Livia Lima; SANTANA, Anthony Fábio Torres. **Mulheres nas tropas escoteiras: um movimento para pensar a co-educação no Escotismo**. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 5., 2011, São Cristóvão. Anais eletrônicos. São Cristóvão: EDUCON, 2011. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10511/25/139.pdf>.

SEFFNER, Fernando. **Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar**. Educação e Pesquisa USP. Impresso, v.39, p.145-159, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013000100010>.

SUFFERT, Rubem. **A Co-Educação na Região Interamericana**. Sempre Alerta: Informativo da UEB, Brasília, UEB, n. 64, nov./dez. 1980.

União dos Escoteiros do Brasil. **Posicionamento oficial sobre Homoafetividade**. 2015. Disponível em: [https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Posicionamento\\_oficial\\_sobre\\_homoafetividade.pdf](https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Posicionamento_oficial_sobre_homoafetividade.pdf).

\_\_\_\_\_. **Brasil**. 2024. Disponível em: <https://www.escoteiros.org.br/brasil/>.

VALLORY, Eduard. **World Scouting: Education for Global Citizenship**. NY: Palgrave Macmillan, 2012.